

I Congreso Latinoamericano de Teoría Social. Instituto de Investigaciones Gino Germani. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

O Brasil e as variedades do moderno: aportes à partir do teorema weberiano da diferenciação social.

Sell, Carlos Eduardo.

Cita:

Sell, Carlos Eduardo (2015). *O Brasil e as variedades do moderno: aportes à partir do teorema weberiano da diferenciação social. I Congreso Latinoamericano de Teoría Social. Instituto de Investigaciones Gino Germani. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-079/179>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

CARLOS EDUARDO SELL
UFSC - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA (BRASIL)
carlos.sell@ufsc.br

**MESA 32 | La teoría de la diferenciación ante las
problemáticas sociales de América Latina**

TÍTULO:
O BRASIL E AS VARIEDADES DO MODERNO:
aportes a partir do teorema weberiano da diferenciação social.

Qual o significado e o sentido dos conceitos de “racionalidade” e “racionalização” na obra de Max Weber? Central no plano exegético, o debate a esse respeito mostrou (SELL, 2012a e 2012b, bem como SELL 2011b e SELL, 2013) que o tema da racionalidade, em Weber, é multidimensional e perpassa o plano fundante da ação social, passando pelo plano societário das estruturas [ordens sociais] e pelo plano mais vasto da cultura [civilizações]. Partindo destes três planos, podemos notar que a visão weberiana situa a racionalidade no plano da ação [racionalidade de fins e racionalidade de meios], no plano social [racionalidade material e formal] e, por fim, no plano cultural [racionalidade teórica e prática]. Nesta via, o processo de racionalização pode ser compreendido tanto do ponto de vista social, como processo de institucionalização da racionalidade formal em diversas esferas da vida moderna [religião, economia, política, erótica, arte e ciência] e também como processo cultural, ou seja, como institucionalização de um tipo prático e sistemático de racionalidade no plano da conduta de vida.

No cenário intelectual brasileiro, pensamento weberiano clássico, sobretudo Sérgio Buarque de Holanda (1995) e Raymundo Faoro (1998), buscou refletir sobre a herança ibérica e as possibilidades da modernização no Brasil. A partir dos anos 90, a sociologia da religião de Max Weber, principalmente o trabalho de Antônio Flávio Pierucci (2003) e, por outra via, de Jessé Souza (2000), vai buscar entender as mudanças sociais em curso, no Brasil, a partir da sociologia weberiana da religião. Assim, enquanto a sociologia política destacou sua herança tradicional, a sociologia da religião focou seus aspectos decisivamente modernos. Dando continuidade a essa linha de pesquisa, esse trabalho se pergunta pelo caráter da ordem social brasileira atual à luz do pensamento weberiano. Seu objetivo principal é desenhar os contornos de um esquema analítico [de corte weberiano] para pensar a configuração social brasileira contemporânea. Os contornos desta problemática serão explicados no tópico seguinte.

A tentativa de propor uma interpretação da formação social brasileira atual à luz de Weber nasce acoplada ao projeto de desenvolver um “paradigma weberiano” (ALBERT,

2003 e 2009). Após décadas de trabalho de exegese da obra weberiana [trabalho liderado por Wolfgang Schluchter], a pergunta que se coloca atualmente é pela validade e atualidade de Weber para pensar a realidade contemporânea (LEPSIUS, 2003). Não tanto interpretar o que Weber disse, mas interrogar o próprio Weber para buscar nele pistas para pensar o mundo atual, eis agora o desafio analítico. Este grande projeto teórico, concebido por alguns como paradigma (ALBERT, 2005, 2006 e 2011) e por outros, mais modestamente, como um programa de pesquisa (SCHLUCHTER, 2005), possui dois componentes centrais: 1) uma teoria social [*Sozialtheorie*] e 1) uma teoria da sociedade [*Gesellschaftstheorie*].

A **teoria social** trata, no nível metodológico, do clássico problema epistemológico das relações entre ação/agência e estrutura (ALEXANDER, 1987). Neste caso, o que o “neoweberianismo” [termo que empregarei algumas vezes] tem indagado é como Weber ainda é atual em relação a este debate e como ele pode contribuir com ele. Do ponto de vista de uma *teoria a ação*, estes esforços têm se concentrado no argumento de que a teoria weberiana da ação não deve ser compreendida a partir da lógica do desvio [*descendente*], ótica pela qual as formas de ação racional em relação a valores, afetiva e tradicional são apenas tipos ideais menos racionais que seu modelo padrão: a ação racional em relação a fins. Evitando este reducionismo, defende-se, em perspectiva contrária, que Weber constrói sua tipologia de forma ascendente, perguntando-se pelo potencial de racionalidade das ações. Assim, as formas tradicionais e afetivas constituem uma primeira linha de corte, dado que não são passíveis de racionalização. No entanto, as formas valorativa e instrumental de ação – próximo nível - não devem ser hierarquizadas, pois ambas são formas igualmente racionais de orientação da conduta. O que temos aqui, portanto, é uma nova estratégia de compreensão da teoria da ação weberiana, que podemos chamar de lógica *ascendente* (SCHLUCHTER, 2009 e 2012).

Também a *teoria da estrutura* ou ordem social de Weber é problematizada (STACHURA, 2009). Neste caso, o que se busca é mostrar que o individualismo metodológico weberiano não pode ser concebido de forma rígida, como se ele representasse um atomismo social que nega a existência de estruturas coletivas (SCHWINN, 1993). De fato, Weber não

se utiliza da noção de “sociedade” como elemento que a tudo abarca, mas isso não quer dizer que níveis emergentes e estruturados de relações sociais não orientem às ações dos indivíduos e, principalmente, também não exerçam efeitos causais sobre eles. Por esta via, o neoweberianismo tem procurado situar Weber no conjunto das estratégias relacionistas (ALEXANDER, 1987) que buscam integrar no mesmo plano analítico o papel da ação e da estrutura na compreensão da vida social (ALBERT, 2005 e 2006). Em ambos os casos obtemos uma imagem atualizada da sociologia weberiana, que busca responder aos desafios postos no debate da teoria social contemporânea (GREVE, 2006). Essa imagem pode ser sintetizada no esquema abaixo:

Quadro 01- Teoria social weberiana: nível micro/macro

Macro				Macro
	Micro		Micro	

Passemos, agora, ao outra ponta do problema, ou seja, a **teoria da modernidade de Max Weber**. Em que medida a leitura substantiva que Weber faz do racionalismo ocidental e moderno ainda é atual, em que medida precisa ser atualizada e complementada? Para a vertente que estou chamando neste projeto de neoweberiana [da qual este projeto quer ser um desdobramento], Weber foi, antes de tudo, um teórico da gênese e da caracterização do moderno. No entanto, o desafio empírico posto à sociologia contemporânea já é outro, a saber: pensar as transformações e mesmo a disseminação da modernidade para além do contexto europeu. Por esta razão, entende o programa de pesquisa de orientação weberiana que é preciso adaptar e complementar Weber diante deste novo cenário. Esta busca de re-

novação tem sido realizada através de duas estratégias principais. A primeira [Eisenstadt] busca recuperar a dimensão cultural do pensamento de Weber, enquanto a segunda [Thomas Schwinn] concentra-se na dimensão estrutural da obra weberiana. No tópico seguinte faremos uma revisão dessas propostas visando inserir a realidade brasileira neste quadro conceitual. Duas serão nossas perguntas centrais: o que o contexto social brasileiro demanda da tentativa de tornar teoricamente produtivo um paradigma de orientação weberiana? E não menos importante: o que o caso brasileiro [no contexto latino-americano e global] pode, também, contribuir com este esforço de repensar Weber?

1. A *Consideração Intermediária*: a versão weberiana da teoria da diferenciação social

A orientação teórica fundamental desta pesquisa, como evidenciado, é a teoria weberiana da modernidade, não apenas aquela desenvolvida em sua pesquisa comparativa das religiões mundiais [que trata do racionalismo ocidental, exposta em Sell (2013)], mas especialmente aquela que trata do racionalismo moderno, desenvolvida em sua *Consideração Intermediária* (WEBER, 1989). Por isso, dividirei esta parte teórica do projeto em duas partes, tratando a primeira do modelo clássico de Weber e a segunda da busca de sua atualização no quadro do chamado neo-weberianismo [paradigma weberiano ou também programa de pesquisa de orientação weberiana].

A *Consideração intermediária* (WEBER, 1982 e 1989) possui uma função teórica central na Sociologia Comparativa de Weber, pois ela analisa a relação da esfera religiosa com outras dimensões centrais da vida moderna e conecta a pesquisa de Weber sobre religião com suas pesquisas sobre as demais áreas da vida social. Exatamente por isso, a *Consideração intermediária* pode ser lida também como um texto de Teoria Social que nos oferece, em súpula, uma das magnas teorizações de Weber sobre a modernidade. Tal fato é destacado pelos principais comentadores do pensamento weberiano, ainda que existam importantes diferenças nas interpretações propostas. Para determinados intérpretes, (como Tyrell/1993 e Brubaker/1984), nem todas as ordens de vida expostas por Weber na *Considera-*

ção intermediária partem de valores determinados, particularmente as esferas política e econômica. Na posição contrária, Habermas entende que as esferas de valor precisam ser examinadas segundo duas dimensões diferentes. De um lado estariam os “sistemas culturais” de ação que articulam as esferas culturais da razão (ciência, religião e arte) com interesses “ideais” e de outro os “sistemas sociais” de ação que conectam interesses “materiais” intramundanos (poder e dinheiro), dando origem às ordens de vida cotidianas da economia e da política e a ordem de vida não cotidiana do amor (esfera erótica). Essa interpretação, que separa artificialmente a dimensão cultural da dimensão social, é rejeitada por autores como Schwinn (1998) e Schluchter (2009) que organizam a exposição das ordens sociais de vida a partir de outro esquema. Segundo eles, a reflexão weberiana passa do nível básico da ação social (conduta de vida) para o conjunto mais amplo da institucionalização social (ordens sociais e poderes de vida) e dos contextos culturais de sentido (esferas de valor). Nas palavras de Schluchter (2009, p.30):

As ‘esferas de valor’ [*Wertsphären*] podem ser entendidas como contextos supraindividuais de sentido regidos por um valor específico. Elas estão institucionalizadas como ordens de vida [*Lebensordnungen*] e são internalizadas como formas de orientação da ação. Weber não fala apenas de ordens de vida, mas também de poderes de vida [*Lebensmächten*].

A primeira preocupação de Weber, neste texto, é demarcar a especificidade de cada esfera, tarefa que cabe ao conceito de *Eigengesetzlichkeit* [legalidade própria]. O valor fundamental a constituir a esfera religiosa são os bens de salvação (*Heilsgute*), perseguidos como um estado permanente: “em lugar de um estado sagrado agudo e extraordinário, mas passageiro, obtido por meio de orgia, ascese ou contemplação, os redimidos deviam alcançar um hábito sagrado duradouro para assegurar sua salvação.” (MWG I/19, p. 485). Já o que define a legalidade própria da *esfera econômica* moderna é o fato de que “[ela] orienta-se por preços em *dinheiro* que se originam do conflito de interesses entre os homens no *mercado*. Sem valoração em preços monetários, sem aquela luta, portanto, não é possível *cálculo* algum” (MWG I/19, p. 488). A lógica intrínseca da *esfera política* tem por “finalidade absoluta salvaguardar (ou modificar) a distribuição externa e interna do poder

[*Gewalt*]” (MWG I/19, p. 491) e, exatamente por essa razão, “o apelo à crua violência dos meios coercitivos, não apenas externa, mas também internamente, é absolutamente essencial para cada associação política” (MWG I/19, p. 491). As duas próximas duas esferas de valor descritas por Weber possuem características bastante peculiares: “se a ética religiosa da fraternidade vive em tensão com as legalidades próprias da ação racional com relação a fins no mundo, essa tensão não é menor com aqueles poderes de vida intramundanos cuja essência, no fundo, têm um caráter arracional ou antirracional: sobretudo a esfera estética e a esfera erótica” (MWG, I/19, p. 499). A última ordem social de vida descrita por Weber é a *esfera intelectual*. Apesar do caráter afraternal da “comunidade científica”, a lógica de ação dos membros dedicados à atividade científica, além do aspecto instrumental e estratégico (orientação por fins), explica-se também pela sua orientação em torno de um valor, pois “a dedicação aos bens culturais [...] foi elevada a uma tarefa sagrada, a uma ‘vocação’” (MWG I/19, p. 519). Observada em seu conjunto, a caracterização weberiana das esferas de valor oferece um magistral quadro sociológico do *racionalismo moderno*. A modernidade é caracterizada aqui por suas diferentes esferas de valor e ordens sociais (ou poderes de vida), cada uma delas desenvolvendo formas particulares de racionalidade e linhas de ação correspondentes, como mostra o quadro abaixo:

QUADRO 02 – ESFERAS DE VALOR, ORDENS SOCIAIS E PODERES DE VIDA

ESFERA	VALOR	TIPO DE AÇÃO	FORMA DE ORGANIZAÇÃO	TIPO DE RACIONALIDADE
Religiosa	Salvação	Racionalidade com relação a valores e Afetiva	Comunidade religiosa (igreja, seita)	Material e formal
Econômica	Aquisição	Racionalidade com relação a fins	Mercado	Material e formal
Política	Poder	Racionalidade com relação a fins	Estado	Material e formal
Estética	Beleza	Afetiva	Estilização de vida	Formal e não racional
Erótica	Prazer	Afetiva	Relações efêmeras	Material e não racional

Intelectual	Verdade	Racionalidade com relação a fins e a valores	Universidades e laboratórios	Material e formal
-------------	---------	--	------------------------------	-------------------

FONTE: Schwinn (1998, p. 316) e Schluchter (2009, p. 311).

Além da caracterização das legalidades próprias às esferas culturais de valor e ordens sociais de vida do mundo contemporâneo, a *Consideração intermediária* contempla também uma análise das relações entre elas. No centro dessa empreitada está a descrição do conflito entre a esfera religiosa e o conjunto das demais ordens sociais ou, no dizer de Weber, “as relações de tensão entre mundo e religião” (MWG I/19, p. 483). Isso não quer dizer, contudo, que *Consideração intermediária* exclua a possibilidade de influxos causais *positivos*, qual seja, de caráter histórico efetivo entre protestantismo ascético e modernidade. É desnecessário, por exemplo, lembrar a relação de “afinidade eletiva” que Weber estabeleceu entre concepções morais do protestantismo ascético e a ideia do dever profissional, este último um elemento inerente ao espírito do capitalismo. A tese da “afinidade eletiva” vai muito além e também vale para as múltiplas relações de aproximação recíproca entre as esferas econômica, política e jurídica que, na versão weberiana, caminham em um sentido comum.

Esta leitura da *Consideração Intermediária* será nossa principal base teórica ao longo de toda pesquisa. Mas, de que forma? Para isso teremos que discutir as possibilidades de atualização do paradigma weberiano, tarefa de nosso próximo tópico.

2. A teoria weberiana da modernidade hoje: a versão cultural e institucional

Se no centro da teoria weberiana estava a problemática da gênese e da caracterização do mundo moderno, o desafio agora é pensar os desenvolvimentos e transformações, bem como a expansão e diversificação da experiência moderna (SCHWINN, 2004b), qual seja, temas que não estão explicitamente contemplados por Weber. O caminho escolhido foi à *adoção* de uma ideia (para não falar em conceito) que, mesmo nascido sob a inspiração de

Weber, lhe é incorporado de fora: a ideia de modernidades múltiplas, desenvolvida por Shmuel Eisenstadt (2011). Esta tese, até o momento, tem sido desenvolvida de duas formas, sendo a ênfase mais culturalista no primeiro caso e mais estruturalista no segundo.

Partindo da sociologia comparativa das religiões mundiais, **Shmuel Eisenstadt** (1982), elabora a teoria “modernidades múltiplas” (2006) cuja tese central é que podemos identificar três ondas no processo moderno (KNÖBEL, 2006). A primeira onda é a própria gênese da modernidade no contexto europeu, entendido como um programa cultural fundado em duas premissas principais, quer dizer, a racionalidade e o individualismo. Este primeiro programa conhece sua primeira onda de expansão ainda no contexto ocidental no caso das duas Américas, mas, para Eisenstadt, tanto a América Anglo-Saxã quanto a América Hispânica (MORSE, 1998) não podem ser compreendidas apenas como transposições ou cópias do modelo europeu: tratam-se de recriações originais do programa moderno e, nesta medida, constituem outras formas de modernidade. É por isso que o autor emprega a fórmula “múltiplas modernidades”. O mesmo pode ser dito de uma terceira onda de expansão e recriação contingente do programa moderno no contexto das chamadas civilizações não-axiais, como é o caso de Japão, China e Índia, por exemplo (EINSENSTADT, 2010). Em suma, longe de apenas difundir-se de forma homogênea, supondo a transição uniforme de uma ordem tradicional para uma ordem moderna (como supunham as teorias da modernização), Eisenstadt entende que este programa cultural que surge na Europa Central conhece substantivas variações tanto na sua gênese quanto no seu processo de expansão. Colocando em outros termos, podemos dizer que sua expansão quantitativa vem sempre acompanhada pela sua constante transformação qualitativa. Não temos tempo aqui para desenvolver todas as críticas e problemas, mas também as contribuições da análise das civilizações de Eisenstadt. De nossa parte, assumimos que suas premissas são excessivamente *culturalistas* e que precisam ser complementadas como uma análise que leve em consideração a dimensão estrutural do pensamento weberiano. É neste sentido que a pesquisa de outro jovem pesquisador de Heidelberg nos parece central.

Se o ponto de partida da tese da modernidade múltipla de Eisenstadt era a sociologia da religião de Max Weber, **Thomas Schwinn** (2001) toma como ponto de partida a teoria

weberiana das esferas de valor e ordens de vida. Neste trajeto, ele não só acompanha a tentativa de situar o pensamento weberiano para além da dicotomia ação/estrutura (SCHWINN, 1993a), como também busca reconstruir analiticamente o esquema sociológico das esferas de valor que Weber apresenta em sua *Consideração Intermediária* (WEBER, 1989). Neste caso, a tese central do trabalho de Schwinn (1998) consiste na identificação de uma versão weberiana de diferenciação social que, diferente da visão funcionalista e sistêmica, não recorre a um conceito maior de “sociedade” e, ao mesmo tempo, prescinde da tese de que são necessidades funcionais as responsáveis pela diferenciação das instituições. Recorrendo aos textos de Weber, as esferas de valor da religião, da economia, da política, da erótica, da arte, da ciência e também do direito são decompostas em um complexo esquema que contempla três aspectos centrais que, segundo a sistematização que já conhecemos de Schluchter, incluem a dimensão da cultura, da ordem e da ação. Na dimensão cultural, cada esfera rege-se em torno de uma referência valorativa específica (*Eigengesetzlichkeit*) que difere segundo seu potencial de agregação social. No plano micro, cada esfera de ação implica em padrões distintos de orientação da ação.

Seguindo este teorema, Schwinn (2006) entende que na ordem social moderna, marcada pelo princípio da imanência e da reflexividade, a religião perde seu lugar central (novo padrão evolutivo ou princípio da unicidade). O deslocamento da esfera transcendente do centro para a periferia da ordem social abre caminho para um novo arranjo institucional. Weber descreveu como, diante deste desafio, emergiu, no contexto europeu-moderno, uma constelação institucional própria. No entanto, a constelação esboçada por Weber não é a única possível, pois diante dos desafios colocados pela nova realidade moderna, várias outras respostas também são possíveis (princípio da diferenciação). Naturalmente, tal procedimento não implica em afirmar que Weber tenha proposto um modelo uniforme de descrição de esferas sociais, cuja lógica aplicar-se-ia automaticamente a qualquer tempo e lugar, como pressupunham as teorias da modernização. O que se enfatiza é que na sociologia de Weber temos a descrição de uma constelação historicamente contingente de esferas sociais (Europa) que não é fadada a repetir-se: o grau de diferenciação e de autonomia de cada uma delas obedece a padrões variados e pode alterar-se ao longo do tempo e em diferentes soci-

idades. Da mesma forma, Weber contemplou as relações de “afinidade eletiva” (protestantismo, capitalismo, burocracia, direito formal-racional caminham em direção comum) bem como de “tensão e conflito” (religião e mundo) entre as esferas sociais, elemento que também não obedece a modelos pré-determinados. Partindo dessas bases, Schwinn entende que a expansão globalizada das esferas institucionais não obedece a um mero modelo de difusão homogênea, pois a constelação (diferenciação, autonomia, relações de afinidade e conflito) em que as esferas sociais podem ser encontradas, em contextos regionais específicos, também é múltipla.

Tal compreensão da proposta de Weber abre caminho para descrever arranjos institucionais diferentes daquele contemplado por ele, seja em relação à sua lógica interna (em que cada esfera é isoladamente considerada), seja em relação a sua lógica externa (que trata das múltiplas relações entre as ordens sociais). No caso da “lógica interna”, cabe perguntar, por exemplo, até que ponto variações nos padrões de institucionalização das ordens sociais pode ser detectado, permitindo-nos falar de diferentes modelos de capitalismo ou de democracia, por exemplo. Em outros termos, mesmo isoladamente considerada, uma esfera de valor ou ordem social determinada não possui, necessariamente, o mesmo padrão de organização interna. Já do ponto de vista externo, o modo de combinação entre estas ordens sociais também pode resultar em conglomerados diversos. Schwinn cita como exemplos casos em que uma das esferas busca sobrepor-se as demais: o predomínio da lógica do mercado (liberalismo de livre mercado), a extensão ilimitada do político (totalitarismo), tentativas de retomar o predomínio do religioso sobre o tecido social (fundamentalismo), bem como tentativas de alçar visões de mundo seculares, sejam sexuais (erotismo), estéticas, ou mesmo formas de fundamentalismo científico, ao posto de visões abrangentes de mundo.

Em síntese, o argumento consiste em afirmar que o conteúdo interno, bem como as relações de autonomia, de afinidade e tensão, que as ordens sociais institucionais manifestam ao longo de sua variação temporal ou espacial, é um fator contingente que, de modo nenhum, supõe à reprodução automática daquele identificado e descrito por Weber no seu horizonte histórico e sócio-cultural. Nessa medida, pode-se dizer que, enquanto em *Ein-senstadt*, é o projeto político-cultural da modernidade que se encarna de forma diversificada

em cada civilização (PREYER, 2011), no caso de Schwinn, é uma constelação determinada de ordens sociais que pode variar. De um lado, a multiplicidade da modernidade é descrita como um processo de concretização multifacetado de uma ordem normativa. No outro caso, como um processo de concretização multifacetado de uma constelação institucional.

Embora não me caiba discutir, por ora, os limites da versão de Schwinn (2009), o fato é que está pesquisa insere-se nesta mesma proposta, ou seja, ela busca pensar a especificidade das ordens sociais tais como estão dadas no Brasil do ponto de vista teórico. Isso envolve uma dupla tarefa que diz respeito não apenas a realidade brasileira [entendida como caso], mas também a própria teoria enquanto tal. Mas, este já é assunto para nossos procedimentos metodológicos.

3. A constelação institucional da América Portuguesa: uma proposta de análise

Para responder a estas perguntas, procurarei explorar a segunda das vertentes que acima foram esboçadas, a saber, a abordagem que chamei de dimensão estrutural da obra weberiana. Entendo que uma interpretação do Brasil à luz da dimensão cultural da obra de Weber já vem sendo realizada nos trabalhos de Jessé Souza (1997 e 2000) que desembocam na tese da singularidade da modernidade no Brasil¹. Perseguindo outra via de análise, este projeto toma como ponto de partida a teoria da modernidade desenvolvida por Weber, de forma magistral, no texto chamado de *Consideração Intermediária* [no Brasil, segundo a tradução disponível, *Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções*]. Minha leitura deste escrito também será detalhada mais a frente, mas, por ora, cabe fixar sua ideia básica, qual seja, a de que neste texto encontramos a tese weberiana da diferenciação social moderna. Sem ceder a uma visão funcionalista, Weber considera a modernidade enquanto um conjunto de esferas sociais e ordens de vida que abarcam, principalmente, a esfera religiosa, econômica, política, artística, erótica e intelectual [científica]. Ora, é exatamente a partir

¹ Para uma discussão crítica com este trabalho, veja-se Tavolaro (2005).

desta plataforma que pretendo indagar a configuração social brasileira no contexto da modernidade globalizada, contemplando três destas esferas, saber: religiosa, política e econômica.

2.1. Esfera religiosa: a multiplicidade da secularização

Seguindo a ordem exposta por Weber, iniciemos pela *esfera religiosa*. No início do século XX, assim rezavam as estatísticas, o Brasil tinha 99% da sua população registrada como nominalmente católica. Segundo o levantamento feito em 2010 (IBGE), os católicos são hoje 64% do segmento religioso, seguido pelo impressionante grupo evangélico, hoje detentor de 22% dos da fatia de autodeclarados membros de suas denominações. Segue, como terceiro grupo de crença, a parcela dos indivíduos que se declaram “sem religião”, com a quantia não menos significativa de 9% das estatísticas. Naturalmente, não será propósito de nosso trabalho examinar este quadro do ponto de vista empírico (para tal, recomendando PIERUCCI E MARIANO, 2010), mas indagá-lo do ponto de vista teórico-analítico, o que significa perguntar-se pelas implicações destes achados empíricos no contexto de uma teoria da esfera religiosa pensada, em tempos modernos, em contextos diferenciados [como o latino-americano].

Neste quesito a categoria *secularização*, de corte weberiano, vê-se alçada ao posto central. Mas, ainda que determinante, seu estatuto categorial é alvo de uma acirradíssima polêmica e a fixação de seu conteúdo está longe de ser unânime (NOBRE, 2004 e NEGRÃO, 2005). Neste tópico se digladiam teorias que buscam pensar este processo de forma unidimensional, outras que entendem que vários fatores devam ser agregados, incluindo variáveis culturais, institucionais e atitudinais. Colocando-nos no segundo lado desta disputa, entendemos que existe ainda um segundo vetor a dividir estas abordagens. Ocorre que para certa corrente a secularização é um processo intrínseco a modernidade e a acompanha necessariamente, tese que é hoje posta em tela no contexto da globalização que entende ser o declínio do religioso uma excepcionalidade contingente da experiência europeia.

Tais desafios analíticos também estão presentes na pesquisa social brasileira e, dentro diversos trabalhos, encontram eco na rica discussão de Antônio Flávio Pierucci (1997, 1998, 1999, 2003), enfático defensor de que a pluralização denominacional atual estimula como seu corolário o afastamento do Estado da religião e permite maior autonomia do indivíduo em relação aos imperativos da crença religiosa. Nesta perspectiva, a vitalidade da esfera religiosa brasileira não contradiz a secularização sociocultural e nem a consolidação da laicidade. Mas, ainda que não discordemos das linhas gerais deste argumento, cremos que ele não detecta o que há de específico na secularidade brasileira. Neste caso, o que busca é deslocar a ênfase das similaridades para as diferenças, distanciando-me da secularização entendida de forma excessivamente teleológica e no quadro de uma teoria da modernização necessária. Portanto, se é certo [e aceitamos esta premissa] que a esfera religiosa brasileira também ser encontra diferenciada estruturalmente das demais [núcleo da tese da secularização], caberia perguntar, contudo, pela especificidade do processo de secularização entre nós, não só na sua dinâmica temporal, mas também nas suas características sociológicas próprias. O que representa a secularização no Brasil no quadro de disputas cada vez mais intensas entre segmentos católicos, evangélicos e secular-humanistas na esfera pública? O que significa a secularidade entre nós e o que ela tem, ao mesmo tempo, de “geral” e de “singular”? Ou, formulando de modo teórico: qual o estatuto epistemológico da secularização no Brasil? O objetivo, enfim, é caminhar para a determinação da secularização no Brasil no contexto de uma teoria das múltiplas formas de secularidade.

3.21. Esfera política: a democracia plebiscitária

Se na esfera religiosa brasileira estamos em busca de sua “lógica específica”, o mesmo será buscado também na *esfera política*. No entanto, diferente da orientação presente na literatura clássica [Holanda e Faoro] não se pretende tomar como eixo de análise o Estado e como perspectiva as formas de dominação tradicional de Weber (COHN, 1979 e ZABLUDOWSKY, 1989). De fato, entendo ser pertinente a crítica que vê nesta tradição

clássica um profundo pessimismo em torno das possibilidades da modernização brasileira por conta de um passado pensando como não favorável (WERNECK VIANNA, 1999). Nesta medida, a realidade brasileira é pensada pela lógica do desvio. Embora isso não nos deva levar a desvalorização desta herança teórica e nem inibir novas possibilidades de leitura produtiva desta reflexão, entendo que sua chave analítica precisa ser reposta em novas bases. Assim, não se trata mais de pensar a transição entre as formas tradicionais de dominação para suas variantes modernas, contemplando seus impeditivos ou dificuldades. Trata-se de pensar como o moderno na sua face política já está instituído no Brasil, qual seja, apontar a especificidade da esfera política no Brasil (AVRITZER, 1996). Como realizar esta tarefa?

Seguindo a pista dos trabalhos que já venho desenvolvendo nos últimos anos (SELL, 2010 e 2011), pretendo partir do conceito de dominação carismática de Weber (1980 e 1994), entendida por ele como um elemento que perpassa, estruturalmente, a democracia de massas da modernidade. Tal passo permite lançar luzes sobre as características do regime democrático brasileiro em sua forma presidencialista. Assim, fugindo da discussão que se indaga pela sobrevivência cultural da tradição ibérica, busca indagar-se como a vida política brasileira está institucionalmente organizada em torno de uma forma de presidencialismo que, nos termos weberianos, era denominada de democracia plebiscitária. Este olhar, sem ceder a ideia de um determinismo histórico, não perde seu caráter crítico, detectando também os déficits ou desafios da ordem democrática. Desta forma torna-se possível rever a discussão da ciência política feita no Brasil em torno das características do presidencialismo de coalização em chave weberiana. Neste caso, o que buscarei é aproximar o tema da democracia plebiscitária, em Weber, da realidade brasileira, permitindo-me, mais uma vez, determinar o que há de específico em nossa construção político-institucional contemporânea. Da mesma forma, volto-me para o tema da esfera política [na modernidade] em si mesma, mostrando sua face carismático-plebiscitária.

2.2.A esfera econômica: as variedades de capitalismo

Nesta mesma via desembocamos, como terceiro eixo, na *esfera econômica*. O tema do capitalismo, central na ciência social brasileira, teve sempre o marxismo como seu anco-radouro teórico principal, restando ao pensamento weberiano (que privilegiou o político) um lugar subsidiário. Uma sociologia weberiana do capitalismo, em termos robustos, é algo que ainda está para ser desenvolvido. Nesta medida é necessário retomar o trabalho já realizado que, longe de inexistente, inclui a reflexão clássica de Florestan Fernandes (1976), sem menosprezar ainda textos como o de Vianna Moog (1983) e Hélio Schwartzman, apenas para citar alguns dos mais importantes, estão em busca dos elementos que propiciaram o desenvolvimento do espírito do capitalismo no Brasil.

De fato, embora Weber não tenha deixado de analisar também o capitalismo concebido como estrutura, é na sua ordem cultural-mental que sua análise se singulariza, qual seja, na busca pela determinação do *ethos capitalista* (WEBER, 2004). Atualmente, está em curso um debate de revisão [e atualização] de sua tese clássica visando captar os traços de um “novo espírito” do capitalismo. Incluindo trabalhos mais próximos da versão de Marx [caso do trabalho de Boltanski e Chiapelo, 2009], mas também reflexões de cunho weberiano (DARMON, 2011), como aqueles realizados na Alemanha por Markus Pohlmann (2006), o que se quer é identificar as bases motivacionais da atividade empresarial e, em particular, seu grau de inserção nas cadeias administrativas globais. Neste caso, busca-se indagar o que elas têm revelado a respeito do empresariado brasileiro em termos de uma cultura [representações e atitudes] capitalista globalizada. Importa frisar especialmente que se trata de contemplar apenas uma variável em questão, ou seja, apenas um elemento formador da cultura do segmento empresarial em termos atuais.

4. Considerações Finais

Em conjunto, nosso objetivo é fornecer um retrato *teórico* da configuração social brasileira, contemplando três esferas sociais específicas: religiosa, política e econômica. Retomando o insight de Max Weber deseja-se indagar qual o conteúdo geral e específico de cada uma destas esferas, ou, em termos weberianos, sua *Eigengesetzlichkeit* [legalidade

própria]. Diante desse objetivo geral, dois elementos precisam ser especialmente frisados. Mas, com uma importante qualificação, a ser enfaticamente destacada. O objetivo não será desenvolver um estudo empírico de cada uma destas dimensões, mas fornecer indicações teóricas que permitam explorar a teoria weberiana da diferenciação social no entendimento de cada uma destas realidades. Ocorre que se indagamos a teoria das esferas sociais de Weber para indicar como ela pode nos servir de guia para entender o Brasil; ao mesmo tempo refletimos sobre a teoria mesma, nos perguntando o que a realidade brasileira pode nos ensinar teoricamente².

Por fim, mais um lembrete essencial. Não há que se imaginar uma excessiva abrangência de questões. Que o tema é complexo não o desconhecemos, daí termos claro também que se trata de *subsídios* [que comecem a desenhar um esquema analítico]. O núcleo fundante dessa proposta é a discussão teórica da tese weberiana da diferenciação a partir do Brasil. Este aspecto global recebe uma nova determinação ao fixar-se em três destas esferas (religiosa, política, econômica). E, mais uma vez, em cada uma delas a variável a ser considerada também é específica, a saber: secularização, democracia plebiscitária, espírito do capitalismo. O tratamento que se pretende dar a cada uma das variáveis implica em sua revisão na obra weberiana [identificando seu conteúdo básico], sua discussão no quadro da sociologia contemporânea [atualização] e a problematização destas discussões em função da realidade específica do Brasil. Neste último ponto queremos atingir um objetivo duplo que envolve tanto a redefinição do conceito quanto sua plausibilidade para as especificidades do Brasil. Ou seja, não apenas se nossa realidade se adequa ao conceito, mas também em que medida nossa realidade implica no repensar do conceito.

Weber descreveu a modernidade em certo momento de seu desenvolvimento histórico e a caracterizou a partir de suas esferas sociais e suas dinâmicas internas. Seu modelo, contudo, não deve apenas ser replicado, como se cada caso empírico fosse apenas cópia deste modelo original. O que tem a modernidade que expande, mas também se redefine, no

² Desta forma, aceitamos o desafio de Sérgio Costa (2010) que se pergunta por que os pesquisadores brasileiros pouco se aventuram a fazer teoria no sentido forte do termo. Ao mesmo tempo, evitamos, a todo custo, a falácia metodológica do nacionalismo, que toma a unidade “Brasil” como ente concreto.

Brasil, a dizer sobre o conteúdo, a dinâmica e até mesmo a relação entre estas esferas? Eis o desafio geral desta nova pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERT, Gert et alli. (Orgs.). **Aspekte des Weber-Paradigmas**. Festschrift für Wolfgang Schluchter: Wiesbaden: Verlag für Sozialwissenschaften, 2006.
- ALBERT, Gert et alli. **Das Weber-Paradigma**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003.
- ALBERT, Gert. Handlungstheorien mittlerer oder universaler Reichweite? Zu einer latenten methodologischen Kontroverse. ALBERT, Gert e SIGMUND, Steffen. Soziologische Theorie Kontrovers. **Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie**, 50, 2010, p.526-561.
- ALBERT, Gert. Moderater Holismus: emergentische Methodologie einer dritten Soziologie. GREVE, Jens e SCHNABEL, Annete (Orgs.). **Emergenz: Zur Analyse und Erklärung komplexer Strukturen**. Suhrkamp: Berlin, 2011, p.252-285.
- ALBERT, Gert. Moderater metodologischer Holismus. Eine weberianische Interpretation des Makro-Mikro-Makro Modells. **Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie**, 57, 2005, p.387-413.
- ALBERT, Gert. Weber-Paradigma. KNEER, Georg e SCHROER, Markus (Orgs.). **Handbuch Soziologischen Theorien**. Wiesbaden: Verlag für Sozialwissenschaften, 2009, p.517-554.
- ALEXANDER, Jeffrey. O novo movimento teórico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n.4, v.2, 1987, p.05-28.
- AVRITZER, Leonardo. **A moralidade da democracia**. São Paulo: Perspectiva: Belo Horizonte, 1996.
- BOLTANSKI, Luc e CHIAPELO, Éve. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. brasileiro. 13. ed. São Paulo: Globo, 1998.
- BRUBAKER, Rogers. **The Limits of Rationality**. An Essay on the Social and Moral Thought of Max Weber. London: Allen & Unwin, 1984.
- COHN, Gabriel. **Crítica e resignação**: estudo sobre o pensamento de Max Weber e a sua compreensão. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- COSTA, Sérgio. Desprovincializando a Sociologia: a contribuição pós-colonial. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2006, v. 21, n.60, p. 117-134.
- DARMON, Isabelle. No ‘new spirit’? Max Weber’s account of the dynamic of contemporary capitalism through ‘pure adaptation’ and the shaping of adequate subjects. **Max Weber Studies**, 11.2, 2011, p. 193-216.
- EINSENSTADT, Shmuel. Modernidade Japonesa: a primeira modernidade múltipla não ocidental. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, vol.53, n.1, 2010, p.11-54.
- EINSENSTADT, Shmuel. Modernidades múltiplas. **Sociologia**. 2011, n.35, 2001, p. 139-163.
- EINSENSTADT, Shmuel. The Axial Age: The Emergence of Transcendental Visions and the Rise of the Clerics. **Archives européennes de sociologie** 23, 1982, p.299-314
- EISENSTADT, Shmuel. **Theorie und Moderne**: Soziologische Essays. Wiesbaden: 2006, p.09-38.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: formação política do patronato brasileiro. 13. ed. São Paulo: Globo, 1998 (Conclusão)
- FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- GREVE, Jens. Max Weber und Emergenz. Ein Programm eines nichtreduktionistischen Individualismus? ALBERT, Gert et alli. (Orgs.). **Aspekte des Weber-Paradigmas**. Festschrift für Wolfgang Schluchter: Wiesbaden: Verlag für Sozialwissenschaften, 2006.
- HABERMAS, Jürgen. **Theorie des kommunikativen Handelns**. Handlungsrationalität und gesellschaftliche Rationalisierung. Frankfurt: Suhrkamp, 1987, p. 321-332.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- KNÖBL, Wolfgang. Max Weber, as múltiplas modernidades e a reorientação da teoria sociológica. **Dados**, 2006, vol.49, n.3, 2006, p. 483-509.
- LEPSIUS, M. Rainer. **Ideen, Interessen und Institutionen**. Opladen: Westdeutschland Verlag, 1990.
- MOOG, Vianna. **Bandeirantes e Pioneiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

- NEGRÃO, Lísias Nogueira. Nem 'jardim encantado' nem clube dos intelectuais desencantados'. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.20, n.59, 2005, p.25-36.
- NOBRE, Renardo Freire. Entre passos e tropeços. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.n.54, 2004, p. 161-164.
- PIERUCCI, Antonio Flávio e MARIANO, Ricardo. Sociologia da religião, uma sociologia da mudança. **Horizontes das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: ANPOCS, 2010, p.279-302.
- PIERUCCI, Antonio Flávio. A propósito do auto-engano em sociologia da religião. **Novos Estudos CE-BRAP**, n. 49, 1997b, p. 99-118;
- PIERUCCI, Antonio Flávio. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. In ORO, Ari e STEIL, Carlos Alberto (orgs.). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997^a;
- PIERUCCI, Antonio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: Editora 31, 2003.
- PIERUCCI, Antonio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acesar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 37, 1998, p.43-73.
- PIERUCCI, Antonio Flávio. Sociologia da Religião: área impuramente acadêmica. In **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: ANPOCS, 1999, vol. 01, p. 237-286.
- POHLMANN, Markus. Weber, Sombart und die neue Kapitalismustheorie. ALBERT, Gert et alli. (Orgs.). **Aspekte des Weber-Paradigmas**. Festschrift für Wolfgang Schluchter: Wiesbaden: Verlag für Sozialwissenschaften, 2006, p.185-192.
- PREYER, Gerhard. **Zur Aktualität von Shmuel N. Eisenstadt**: Einleitung in sein Werk. Wiesbaden: VS Verlag, 2011.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. Die Soziologische Grundbegriffe: Max Webers Grundlegung einer verstehenden Soziologie. **Die Entzauberung der Welt**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009, p.111-136.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. Epílogo: Ação, ordem e cultura. **Paradoxos da modernidade**: cultura e conduta na teoria de Max Weber. São Paulo: Editora da UNESP, 2012, 325-330.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. **Handlung, Ordnung und Kultur**: Studien zum einem Forschungsprogramm in Anschluss an Max Weber. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. Handlung und Rationalität *nach* Max Weber. **Individualismus, Verantwortungsethik und Vielfalt**. Göttingen: Velbrück Wissenschaft, 2000, p.86-103.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. **The Rise of Western Rationalism**: Max Webers Developmental History. Berkeley: University Press, 1981.
- SCHWINN, Thomas. Die Vielfalt und die Einheit der Moderne. Perspektiven und Probleme eines Forschungsprogramms. **Die Vielfalt und die Einheit der Moderne**: Kultur-und strukturvergleichenden Analysen. Wiesbaden: VS Verlag, 2006, p.07-34.
- SCHWINN, Thomas. **Differenzierung ohne Gesellschaft. Umstellung eines soziologischen Konzepts**. Weilerswist: Velbrück, 2001.
- SCHWINN, Thomas. **Jenseits von Subjektivismus und Objektivismus**: Max Weber, Alfred Schütz und Talcott Parsons. Berlin: Duncker & Humblot, 1991.
- SCHWINN, Thomas. Max Webers Konzeption des Mikro-Makro Problems. **Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie**, 45, 1993, p.220-237.
- SCHWINN, Thomas. Multiple Modernities: Konkurrierenden Thesen und offene Fragen. Ein Literaturbericht in konstruktiver Absicht. **Zeitschrift für Soziologie**, 38, 6, 2009, p.454-476.
- SCHWINN, Thomas. Von der historischen Entstehung zur aktuellen Ausbreitung der Moderne. Max Weber Soziologie im 21. Jahrhundert. **Berliner Journal für Soziologie**, 14, 2004, 527-544.
- SCHWINN, Thomas. Wertsphären, Lebensordnungen und Lebensführungen. BIENFAIT, Agathe und WAGNER, Gerhard (Orgs). **Verantwortliches Handeln in gesellschaftlichen Ordnungen**. Beiträge zu Wolfgang Schluchters Religion und Lebensführung. Frankfurt: Suhrkamp, 1998.
- SELL, Carlos Eduardo. A sociologia weberiana da ciência. **Política & Sociedade**, v. 11, p. 23-48, 2012b.
- SELL, Carlos Eduardo. Democracia com liderança: Max Weber e o conceito de democracia plebiscitária. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 05, p. 139-166, 2011.
- SELL, Carlos Eduardo. Leituras de Weber e do Brasil: da política à religião, do atraso à modernidade. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 43, p. 241-258, 2007 (disponível na Internet).
- SELL, Carlos Eduardo. Máquinas petrificadas: Max Weber e a sociologia da técnica. **Scientiae Studia (USP)**, v. 09, p. 563-583, 2011b.
- SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e a racionalização da vida**. Petrópolis: Vozes, 2013.

- SELL, Carlos Eduardo. Max Weber: democracia parlamentar ou plebiscitária? **Revista de Sociologia e Política**, vol. 18, núm. 37, 2010, pp. 137-147.
- SELL, Carlos Eduardo. Racionalidade e racionalização em Max Weber. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.27, n.79, 2012a.
- SELL, Carlos Eduardo. Weberianos nos trópicos: lineamentos sobre a interpretação do pensamento de Max Weber no Brasil. In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia, Curitiba - PR. Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em Curitiba-PR, de 26 a 29 de julho de 2010a.
- SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro**. Brasília: UnB, 2000, 276 p.
- SOUZA, Jessé. **Patologias da modernidade: um diálogo entre Habermas e Weber**. Rio de Janeiro: Anablume, 1997;
- STACHURA, Mateuz e BIENFAIT, Agathe; ALBERT, Gert e SIGMUND, Steffen (Orgs.) **Der Sinn der Institutionen: Mehr-Ebenen-und Mehr-Seiten Analyse**. Wiesbaden: Verlag für Sozialwissenschaften, 2009.
- TAVOLARO, Sergio B. F. Existe uma modernidade brasileira? Reflexões em torno de um dilema sociológico brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.20, no.59, 2005, p.5-22.
- TYRELL, Hartmann. Max Weber: Wertkollision und christliche Werte. **Zeitschrift für evangelische Ethik**, 37, 1993, p. 121-138;
- VIANNA, Luiz . Werneck. Weber e a interpretação do Brasil. Jessé de Souza (org). **O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira**. Brasília: UnB, 1999, p. 173-194.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 3. ed. Brasília: UnB, 1994, vol.1.
- WEBER, Max. O 'espírito' do capitalismo. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004, p.41-50 e 56-69.
- WEBER, Max. Rejeições religiosas do mundo e suas direções (*Zwischenbetrachtung*). **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982, p.371-410.
- WEBER, Max. *Zwischenbetrachtung*. Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. **Konfuzianismus und Puritanismus** (Schriften 1915-1920). SCHMIDT-GLINZER, Helwig e KOLONKO, Petra (Orgs.). Tübingen: Mohr Siebeck, 1989, p.479-522 (Max Weber Gesamtausgabe MWG I/19).
- ZABLUDOVSKI, Ginal. The reception and utility of Max Weber's concept of patrimonialism in Latin América. **International Sociology**, 1989, vol.4 (01), p.51-66.